

# JORNAL DO BRASIL Falso Dilema

13 NOV 1992

Clon-Brand

**E** digno de registro que, pela primeira vez na história do país, cinco ministros do governo — do Planejamento, Economia, Trabalho, Previdência Social e Indústria e Comércio — tenham convidado as principais centrais sindicais do país a opinar sobre uma mudança da importância da Reforma Fiscal.

O encontro provocou surpresa e sinais de satisfação nos dirigentes da CUT, CGT e Força Sindical. Numa conversa de quatro horas de duração, com algumas ressalvas e sugestões, mais de 30 sindicalistas saíram com a impressão de que aprovam a Reforma em suas grandes linhas.

Os sindicalistas foram unânimes na avaliação de dois itens: na forma democrática pela qual o governo Itamar Franco está conduzindo o debate sobre a reforma fiscal e no apoio à extinção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

Há uma inegável sensação de que este governo tem sensibilidade social, preocupa-se com a “pobreza andarilha” que se espalha pelo país e encaminhará “medidas compensatórias” que beneficiarão as camadas desprotegidas. A eliminação do IPI, por outro lado, acarretaria uma redução de 5% a 6% nos preços finais de uma série de produtos, beneficiando o consumidor e estimulando os salários.

Mas, para lá da boa margem de consenso do encontro, devemos saudar o amadurecimento nas relações do movimento sindical com o Estado. Nascido no Brasil como um apêndice do governo, enquadrado pelo corporativismo getulista do Estado Novo, submetido a práticas dirigistas e paternalistas, o sindicalismo brasileiro só se libertou do Ministério do Trabalho e do peleguismo no final dos anos 70, com a entrada em cena dos sindicatos do ABC.

Mas persistia um grave problema: a suspeita de que seus representantes políticos não acreditavam na possibilidade de aperfeiçoar e democratizar uma economia de mercado. Isto produziria uma incompatibilidade entre os partidários do pragmático “sindicalismo de resultados”, à americana, e os adeptos da contestação.

Verifica-se, hoje, depois da falência dos modelos soviético e cubano, que este dilaceramento entre reformistas e revolucionários era um falso dilema. Purgado de seus extremistas e oportunistas, o sindicalismo brasileiro dá sinais de amadurecimento. Por outro lado, o estado brasileiro deixou de temê-lo e desistiu de tutelá-lo. O saudável diálogo entre ministros e sindicalistas, esta semana, deve ser entendido nesta perspectiva.